

Hóspedes indesejados se foram

SivSolo remove 15 famílias que moravam em barracos de madeirite no interior de prédio abandonado da Encol no Setor Hoteleiro Norte

Marcello Xavier
Da equipe do Correio

O Sistema Integrado de Vigilância do Solo (SivSolo) retirou mais de 15 famílias que estavam morando desde dezembro do ano passado numa obra inacabada da construtora Encol na quadra 2 do Setor Hoteleiro Norte (-SHN). A maioria desses invasores já havia sido removida de outro prédio abandonado da mesma empresa, na quadra 4, em outubro do ano passado. Persistentes, alguns dos despejados avisaram que voltarão.

As famílias construíram barracos com restos de madeirite em dois subsolos e nos andares térreo e primeiro do prédio abandonado. Adultos, muitas crianças e alguns recém-nascidos se achavam expostos a todo o tipo de perigo. Tábuas com pregos estavam espalhadas por todos os lados. Sem falar no risco de alguém cair no poço do elevador ou de alguma marquise.

O perigo de incêndio também era iminente. Os "moradores" fizeram ligações clandestinas dos postes de iluminação pública para dentro dos barracos de madeira. Alguns invasores tinham botijões de gás enferrujados e desgastados. "Graças a Deus não aconteceu nada com ninguém aqui. Alguma criança poderia ter despencado lá em baixo", observa Lucimar dos Santos Melo, 27 anos.

Desempregados, Lucimar e o marido não puderam mais pagar o aluguel da casa em que moravam no Paranoá. Por meio de um irmão, a goiana de Alvorada do Norte, grávida de oito meses, ficou sabendo do prédio abandonado no SHN. Ela arrumou as malas e mudou-se com os dois filhos, Walter, de três anos, e Estivane, de cinco.

"Tinha dias que chorava muito. Ficava em depressão quando pensava onde estava morando", emocionou-se Lucimar. Ela conta que passou noites em claro para proteger o filho Felipe, com dois meses, dos mosquitos e outros insetos, como as baratas.

Lucimar quer esquecer os dias de dificuldade que viveu com o marido e os três filhos. "A gente conseguia cestas básicas no CDS (Centro de Desenvolvimento Social) e alguma comida de pessoas que passavam por aqui. A água vinha de um canteiro próximo dos hotéis. E o banheiro era lá em baixo mesmo", conta. A desempregada vai com a família para a casa de uma tia em Samambaia.

Parte das famílias foi levada para um albergue em Taguatinga e o restante preferiu ir mesmo para casas de parentes. Quatro caminhões — dois do CDS e dois da Terracap — estavam à disposição dos invasores, para levar os objetos pessoais.

O tenente Vandir Reinaldo da Silva, do SivSolo, informa que as famílias devem permanecer por no máximo 15 dias no albergue, onde serão atendidas por assistentes sociais. As que quiserem receber passagens para voltar para as cidades de origem vão obtê-las.

João Campos Fernandes, 38 anos, é um dos que ameaçam voltar para o prédio abandonado, caso não

receba ajuda para ir embora para Belém (PA). "Não basta apenas o governo pagar as passagens de ônibus. É preciso dinheiro para os três dias de viagem", diz o desempregado, preocupado com a mulher Patrícia, 18 anos, e sua filha Paula, com apenas 23 dias.

Desde 1984 em Brasília, João Campos trabalhou como cozinheiro em diversos restaurantes da cidade. "Com a crise do governo Collor, em 1990, fiquei desempregado, o dinheiro acabou, deixei de pagar o aluguel e fui parar na rua", conta ele. Da pequena casa que alugava em Planaltina, perambulou por várias invasões até parar na obra abandonada na quadra 4 do SHN. Removido em outubro de 1998, pelo SivSolo, ficou até ontem em outro prédio na quadra 2.

Ele assegura que na capital paraense consegue facilmente emprego de cozinheiro de embarcação. "Quando morei em Belém, trabalhei

Nehil Hamilton



Quatro caminhões levaram os pertences dos invasores para um albergue da Terracap e casas de parentes

nos barcos durante nove meses."

Essa foi a segunda etapa da retirada dos invasores do prédio abandonado da Encol na quadra 2. Na semana passada, o SivSolo retirou

algumas famílias que moravam num barracão que antes era utilizado pelos pedreiros da obra. Segundo calculam os próprios invasores, o local chegou a abrigar 45

famílias. A remoção era uma reivindicação dos hoteleiros, que se sentiam incomodados com a presença desses hóspedes por eles indesejados.